

Este trabalho concorre ao:

Prêmio “Psicanálise de Crianças e Adolescentes”

Congresso Latino-Americano de Psicanálise-2012

Título do trabalho:

**O analista, seu paciente adolescente e a estupidez
no campo analítico**

Dr. Roosevelt M.S. Cassorla

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e Grupo de Estudos
Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas).

O analista, seu paciente adolescente e a estupidez no campo analítico

Pseudônimo do autor: Antígona

Este trabalho amplia reflexões sobre a adolescência iniciadas na década de 1980. Naquela ocasião foram discutidos aspectos do processo de desprendimento do adolescente visando compreender comportamentos que simulam simbioses: adicção a pessoas, drogas, ideologias, religiões, gravidez precoce, atração pela morte. Foi estudado também seu oposto, chamada independência precoce (pseudomaturidade) (Xxxxx, 1981,1985,1986a,1991a,1991b)¹.

Essa linha de investigação derivou para o estudo do campo analítico quando pacientes graves defrontam o analista com emaranhados defensivos de difícil acesso (Xxxxx, ,2005a,2008a,2009,2012a).

Neste texto retomo o estudo dos emaranhados defensivos em conexão com as ideias iniciais sobre vicissitudes da adolescência. Em particular serão discutidas situações em que a capacidade de sonhar e pensar do analista se encontra embotada. Esse embotamento ocorre quando a dupla analítica se aproxima de vivências traumáticas decorrentes do processo de desprendimento do adolescente. Aproveitando a nomenclatura bioniana (Bion, 1958) chamo esse embotamento de *estupidez*.

¹ Xxxxx indica trabalhos do autor, pseudônimo Antígona.

Utilizo duas acepções para *estupidez*, que se complementam. A primeira se refere, no mito de Narciso, à situação em que este se apaixona pela própria imagem refletida na água de um lago. A estupidez se revela na incapacidade de Narciso discernir self de objeto. Esse obstáculo na percepção da realidade faz, numa das versões do mito, com que Narciso se afogue ao tentar alcançar o objeto idealizado que ele não percebe ser sua própria imagem.

Transpondo a situação para o campo analítico estamos em área em que analista e paciente, através de identificações cruzadas, constituem uma relação fusional. Cada um sente o outro como prolongamento de seu próprio self. Ambos podem não ter consciência desse fato. Quando isso ocorre o processo analítico permanece congelado na área dual de fusão-confusão, ainda que em outras áreas possa ocorrer desenvolvimento.

A segunda acepção de estupidez remete à indelicadeza grosseira de Narciso quando recusa o amor da ninfa Eco. Narciso diz a Eco que prefere morrer que receber seu amor. Podemos considerar a rejeição de Narciso como resultante do terror de entrar em contato com o outro, isto é, com a diferenciação self-objeto. Portanto, a função da estupidez é evitar o contato com a realidade triangular visando manter a fantasia de completude narcísica.

A transposição da segunda acepção para o campo analítico indica situações onde a percepção da realidade triangular é atacada. A ameaça de discriminação self-objeto provoca ansiedade catastrófica. Essa ansiedade é descarregada, ao mesmo que a dupla analítica retorna à situação dual fusional. Quando o paciente atribui, com razão, essa percepção ao trabalho analítico este será atacado. Esse ataque pode ser efetuado rompendo os vínculos entre analista

e paciente (Bion, 1959) e tentando deformar ou bloquear a capacidade de pensar do analista através de identificações projetivas massivas que o recrutam a não pensar. Esse recrutamento pode engancha-se em fatores próprios do profissional. Portanto, a retomada da relação dual e a estupidez são precedidas de esboço insuportável de contato com a realidade.

As configurações implicadas nas duas acepções oscilam em duplo sentido: relação dual congelada <-> ameaça de percepção da relação triangular. A estupidez se manifesta, portanto, tanto na impossibilidade de perceber-se a relação dual como na impossibilidade de vivenciar a relação triangular.

O leitor certamente está familiarizado com os modelos descritos. Eles remetem ao trabalho com pacientes que revelam dificuldades para perceber e viver na realidade triangular, onde self e objeto estão discriminados.. Entre esses pacientes se encontram aqueles em que predominam configurações borderlines, isto é, onde partes cindidas vivem num mundo de relações duais enquanto outras mantêm contato com a realidade triangular. Estes pacientes não conseguiram, em determinadas áreas de sua mente, elaborar situações edípicas, retornando ou permanecendo em situações narcísicas. Por outro lado, a atração pelas situações narcísicas indica traumas que dificultam sua elaboração.

O mito de Édipo revela situações similares ao de Narciso. Se neste o estado inicial é a fusão indiferenciada e a triangularidade é a ameaça, no mito edípico a triangularidade adquirida se torna insuportável. Por esse motivo é desfeita. Isso ocorre, por exemplo, quando Édipo inicia a investigação em busca do assassino de Laio. Édipo consulta Tirésias, o adivinho cego. Ocorre um tenso

e agressivo diálogo onde Tirésias tenta abrir os olhos de Édipo para a realidade². Um esboço de sua percepção ameaçadora faz com que Édipo se defenda efetuando violentas projeções dentro de Tirésias. Édipo acusa grosseiramente Tirésias de estar em conluio com Creonte (irmão de Jocasta) para tirar-lhe o trono. Dessa forma, Tirésias, o agente da percepção ameaçadora passa a ser responsabilizado pelas fantasias inconscientes de Édipo. Ao projetar dentro da dupla Tirésias-Creonte esta se torna depositária dos aspectos vorazes, invejosos e destrutivos, livrando a dupla Édipo-Jocasta, os reais usurpadores do trono de Laio³.

Se considerarmos que mitos podem descrever configurações emocionais, não nos surpreenderemos com o fato de Narciso e Édipo serem adolescentes. Pois é justamente na adolescência que a oscilação e confusão entre aspectos narcísicos e edípicos se apresenta com intensidade.

Portanto, o psicanalista que lida com adolescentes corre riscos similares aos desses mitos. O jovem Narciso poderá ver o analista como um prolongamento de si mesmo, uma imagem no lago. O analista corre o risco de identificar-se com essa imagem e ver, também, o adolescente como um prolongamento de si mesmo. O espelhamento apaixonado se revela como conluio de idealização mútua sem que o analista perceba o que está ocorrendo.

Sabemos que o adolescente passa por grande turbulência emocional (Bion, 1977) fruto da intensidade e confusão pulsional frente a um ego ainda não

² Este diálogo pode ser encontrado na obra de Sófocles “Édipo-Rei”, teatralização do mito.

³ Penso que Tirésias também estaria projetando massivamente, em Édipo, fatos conflitivos ‘edípicos’ próprios, miticamente expostos em sua interferência nos conflitos entre Zeus e Hera e no assassinato de serpentes durante o ato sexual (Xxxxx, 2008b,2010b).

suficientemente maduro. O conflito consequente é tornado mais complexo pela revivescência de situações edípicas infantis que se manifestam num corpo capaz de colocar em ato fantasias assassinas e incestuosas. O conluio de idealização mútua tenta, de alguma forma, manter essas fantasias sob controle ao transformar uma potencial relação triangular em relação dual. Mas, a ameaça de perda desse controle é constante. As fantasias edípicas provocam, figuradamente, tempestades e tsunamis revolucionando o plácido espelho d'água que refletia a completude narcísica. O jovem paciente Narciso se desespera com a ameaça de desintegração da imagem (e do self) e a consequente percepção de que o analista é outro, não-self. Essa percepção é vivenciada como terrivelmente traumática.

As diferentes formas como essas configurações são externalizadas no campo analítico, somadas às condições do analista transformá-las, nos orientam em relação às possíveis elaborações que estão ocorrendo (ou não) durante a adolescência de determinado paciente. Quando a dupla analítica oscila, com certa flexibilidade, entre relações duais e relações triangulares, o analista intui que predominam fatos da adolescência “normal”. Rigidez alerta para o risco de estabilização de configurações borderline. Essa estabilização, no entanto, somente deverá ser considerada após a diminuição da turbulência adolescente⁴.

A estupidez e cegueira do analista para as configurações descritas indicam identificação com os aspectos narcísicos do paciente. A auto-percepção dessa estupidez pode nunca ocorrer, redundando em paralisia do campo na área em questão e impasses analíticos. Essa estupidez poderá ser percebida quando o

⁴ Gammelgaard (2010) discute profundamente o estado atual do conceito “borderline”. Em Outeiral (1993) encontram-se trabalhos abordando essas configurações no adolescente sob diversos enfoques teóricos.

analista discute seu material com colegas ou quando, incomodado, escreve ou reflete sobre seu incômodo. Trata-se de um segundo olhar (Baranger, Baranger & Mom, 1983). No entanto, em muitas situações a estupidez é percebida, paradoxalmente, quando ela se revela na segunda acepção estudada. Isto é, o analista, influenciado pelo paciente, como que perde a cabeça. O fato da estupidez tornar-se evidente estimula o analista a investigar o fato. Em seguida, isto é *après coup*, o analista se dá conta de sua estupidez anterior em relação aos conluios duais. Esses aspectos serão ilustrados no material clínico.

A classificação, propositalmente didática, das relações objetais em duais (narcísicas) e triangulares (edípicas) será complementada, sumariamente, com elaborações metapsicológicas. Freud (1911) mostrou a importância da capacidade de suportar frustração para que a capacidade de pensar se desenvolvesse. As contribuições kleinianas indicam que a possibilidade de pensar depende da capacidade do ser humano formar símbolos (Segal, 1957). Essa capacidade está intimamente ligada à possibilidade de elaboração adequada das posições esquizoparanóide e depressiva. Esta elaboração, por sua vez, ocorre simultaneamente com a elaboração da situação edípica. Em modelo bioniano a oscilação entre as duas posições (EP <-> D) somada a uma relação continente-contido adequada avança na compreensão dos fatos. A capacidade de sonhar e pensar envolve a constituição de uma rede simbólica, onde os primeiros esboços de símbolos – elementos alfa que se apresentam como pictogramas - são transformações de elementos beta, sem significado. Bion amplia as ideias freudianas sobre os sonhos ao considerar essas transformações como produto de uma espécie de trabalho de sonho, o trabalho-de-sonho-alfa ou função-alfa. O

desenvolvimento da capacidade de sonhar e pensar, por sua vez, permitirá maior capacidade de lidar com frustrações e aprender com a experiência emocional.

A partir desse referencial (Bion, 1962) consideramos que a capacidade de pensar se revela através do sonho (tanto diurno quanto noturno) colocado no campo analítico através de cenas, enredos e narrativas simbólicas. Esses sonhos somente serão possíveis quando o paciente (ou parte dele) vive na realidade triangular. São fruto da parte não psicótica da personalidade. O analista capta os sonhos do paciente, identifica-se com ele, e os re-sonha, desfazendo ou modificando defesas fruto do conflito edípico. O sonho do analista é contado ao paciente que, por sua vez, o sonha novamente e assim por diante. Constituem-se sonhos-a-dois.

Em área em que a simbolização está prejudicada, isto é, em área dual ou parte psicótica da personalidade, não será possível sonhar. Elementos sem significado ou com significado deteriorado ou bizarro serão eliminados através de identificações projetivas. O conjunto desses fatos pode ser chamado “não-sonhos”. Os não-sonhos são externalizados no campo analítico através de descargas de elementos que não se conectam à rede simbólica. O analista se deixa penetrar pelos não-sonhos de seu paciente e, utilizando sua função alfa, lhes dá significado. O analista transforma em sonho o não-sonho do paciente. Nesse momento o paciente é introduzido na realidade triangular. Se ela não for suportada o paciente reverte o sonho para não-sonho. O analista tenta de novo e de novo e, na melhor das hipóteses, a própria função alfa do analista termina por ser introjetada, possibilitando que o paciente sonhe por si próprio.

Quando os não-sonhos do paciente atacam a capacidade de pensar do analista, por vezes enganchando-se em aspectos próprios do profissional, este também produz não-sonhos. Nessas situações o campo analítico é tomado por não-sonhos-a-dois. Estes constituem a matéria prima dos conluíus duais descritos acima (Xxxxx, 2003,2005a,b,2008c,2012b).

As ideias de sonho e não-sonho aplicadas aos mitos nos mostram que o adolescente Narciso ao não-sonhar não pode discriminar self de objeto. A eventual transformação de seu não-sonho em sonho, pelo analista (ou por Eco), é revertida para não-sonho. Impedir que o analista sonhe, constituindo-se não-sonhos-a-dois é a melhor forma de manter a relação narcísica. O processo analítico permanece congelado na área em questão.

O jovem Édipo tem capacidade de sonhar. Mas, o sonho faz Édipo tomar consciência de fatos terríveis vinculados a assassinato e incesto. Não suportando essa percepção Édipo reverte o sonho para não-sonho destruindo o significado da realidade triangular.

Lembremos que Narciso e Édipo coexistem no mesmo adolescente e a oscilação não-sonho <->sonho (com as infinitas possibilidades intermediárias) é equivalente à oscilação entre relações duais e triangulares e EP<->D⁵.

O conluio idealizado pode transformar-se, rapidamente, num conluio sadomasoquista e vice-versa. Como a idealização não pode ser mantida permanentemente (afinal, o analista mesmo em conluio idealizado também frustra, por ex. interrompendo a sessão...) o paciente se ressentido e passa a atacar o

⁵ Na fronteira entre as duas configurações o jovem se assemelha a Hamlet: "Ser ou não ser, eis a questão". "Não ser" se manifesta como conluio narcísico e/ou indiscriminação na morte e "ser" em penoso contato com a realidade (Xxxxx, 1997b,2007).

analista. Este revida ou se submete e o paciente faz o mesmo. A situação se repete e repete sem poder ser significada e sonhada. Paciente e analista se mostram cegos e estúpidos ao não se darem conta do que está ocorrendo⁶.

Fenomenologicamente a oscilação entre conluios duais idealizados e sadomasoquistas se revelam, ao observador externo, como seduções e ataques. Estes envolvem acusações, vitimização, chantagens, ameaças de abandono, tentativas de suicídio etc, que se arrastam em forma ressentida. O analista, recrutado pelas projeções, pode sucumbir a elas sentindo-se culpado e/ou odiento e/ou impotente e/ou sedutor etc. Impossibilitado de pensar suas experiências emocionais o analista contribui para a manutenção da relação dual⁷.

O funcionamento mental do adolescente pode ser deduzido a partir das características de suas relações objetais. O retraimento de Narciso impede o contato com o outro e podemos supor que ele mantém uma relação de indiscriminação com Liríope, sua mãe. Os conflitos de Édipo se relacionam intimamente com pai e mãe internalizados e projetados. Em ambos mitos surgem claramente conflitos das figuras parentais. É possível imaginar Liríope apaixonada por seu belo filho. Tirésias lhe anuncia que Narciso morrerá se olhar a si mesmo. A prática psicanalítica sugere que Liríope interpretou o vaticínio convenientemente para manter a relação dual. Jocasta, por sua vez, faz “vista grossa” para a

⁶ Penso que conluios idealizados são similares à “pele fina” e conluios sadomasoquistas à “pele grossa”, organizações patológicas (Steiner, 1993) descritas pioneiramente por Rosenfeld (1987) em pacientes borderlines (Xxxxx, 2009,2012a).

⁷ Como modelo auxiliar consideremos dois gêmeos numa espécie de útero, enlevados mutuamente (conluio idealizado) e/ou atacando-se em forma ressentida (conluio sadomasoquista). Mas, permanecem no útero, evitando nascer para a realidade.

percepção de que Édipo poderia ser seu filho e o auxilia a conquistar o trono paterno⁸.

Os fatos descritos acima nos alertam para a rede de identificações projetivas cruzadas que tomam o campo analítico quando trabalhamos com adolescentes (Xxxxx,1997a). Elas envolvem pais, familiares, professores, parceiros amorosos e buscam recrutar o analista. Fazem parte do dia-a-dia do trabalho com jovens. O analista não pode ignorar esses fatos e muitas vezes, para compreendê-los, terá que entrevistar-se com os familiares. Curiosamente, em geral o paciente não deseja participar dessas entrevistas, como que intuindo a necessidade dos pais terem um espaço próprio.

Em outras palavras, não seria fácil atender psicanaliticamente Narciso ou Édipo, sem ouvir pelo menos Liríope e Jocasta. Certamente, após ouvi-los eles seriam encaminhados para outros analistas.

A clínica

Sei que estou irritado com Katia. Sei, também, que me sinto preocupado e impotente. É a quarta sessão, em sequência, em que Katia falta. Nas anteriores, como sempre, sua governanta havia deixado recado gravado. “Katia manda avisar que não poderá ir porque...”. O motivo era explicitado “teve que viajar com a mãe”, “tem consulta médica”, “saiu com seu pai”...

Ainda que eu fique irritado com os recados, e com o fato da governanta estar entre nós, sentia uma certa mudança – alguma consideração por minha

⁸ O mecanismo “fazer vista grossa” é discutido em Xxxxx (1993) em trabalho inspirado por Steiner (1985).

peessoa. Antes Katia sequer mandava avisar. Faltava muito e, quando comparecia, comportava-se como se nada tivesse acontecido. Quando eu investigava fatores relacionados às faltas Katia dizia, como se fosse óbvio, que faltara porque tivera outro compromisso. Para Katia não havia porque informar seu analista, nem antes da falta nem depois.

Katia chegara à análise fazia poucos meses. Nas primeiras sessões me contara, reticente, fatos indicativos de um surto psicótico cuja manifestação mais evidente ocorrera dois anos antes, quando se mudara para estudar na cidade S. Estava com 16 anos na ocasião. Ao mudar-se para S Katia havia recém interrompido uma análise que iniciara aos 7 anos de idade. Conta-me que, após certo tempo sua psicanalista passou a atender também sua mãe, seu pai e sua irmã, em horários diferentes. Quando a analista passou a contar-lhe fatos pessoais, pedindo-lhe que mantivesse segredo, Katia ficou confusa e após algumas semanas contou o fato para seus pais. Por esse motivo todos cessaram os tratamentos. Essas informações me fizeram suspeitar da intensidade das identificações projetivas cruzadas nesse núcleo familiar. Ajudaram-me, também, a formular hipóteses sobre o mal estar que vivenciara quando a primeira consulta fora marcada. Seu pai me havia ligado e pediu-me para ver Katia. Disse-me, claramente, que preferia não falar comigo e que eu me entendesse diretamente com ela. Esse aparente respeito pela individualidade me surpreendera positivamente.

No entanto, após as primeiras entrevistas, em que me senti confuso com as informações, resolvi conversar com os pais. Katia me disse, enfaticamente, que não queria que eu falasse com eles. Ela não sabia dizer-me quais eram os

motivos e percebi que não admitia continuar investigando o tema. Imaginei que, se eu não respeitasse seu pedido, ela não mais confiaria em mim.

Sem perceber, eu já estava envolvido num conluio sadomasoquista em que tanto Katia como seus pais me paralisavam. Minha idealização inicial sobre o respeito da família à individualidade transformou-se numa submissão a seus desejos. Por algum tempo mantive a idealização e não me dei conta suficiente da submissão. Tornara-me estúpido e cego, ainda que em outras áreas de minha mente eu desconfiasse que havia algo errado⁹.

Logo me ficou claro que os aspectos psicóticos de Katia persistiam e seu retraimento visava escondê-los, ainda que também os anunciassem. As sessões começavam sempre com a frase “Estou cada vez melhor” seguida de “É isso” e “Não tenho o que falar”. Sentia-me forçado a investigar e perguntar, perdendo minha espontaneidade. Os silêncios e as respostas monossilábicas de Katia podiam deixar-me exasperado. Em algumas ocasiões parecia que Katia, como que penalizada comigo, me contava algo mais mas assim que eu investigava o relato era interrompido. Katia sentia minha participação em sua vida como muito perigosa mas se ela me sentisse distante tentava, receosamente, aproximar-se. Minha correspondência a fazia retrair-se novamente. Quando tentava descrever esses movimentos Katia me ignorava ou me via como perturbado. Ainda que me sentisse impotente e confuso acreditava que se continuasse pacientemente meu trabalho as coisas ficariam mais claras com o tempo.

⁹ Posteriormente me ficaria claro que a família simbiotizada, ao dificultar meu trabalho, se protegia do desprendimento potencial de um de seus membros, isto é, da percepção das relações triangulares.

Katia buscava manter um conluio idealizado comigo tentando convencer-me que “estava cada vez melhor” ou contando-me fatos alvissareiros que não me faziam sentido. Tampouco me era difícil perceber os ataques ao vínculo manifestados através de proibições, faltas, omissão de informações e atrasos no pagamento. No entanto, o fato de não conseguir livrar-me deles (isto é, não poder sonhá-los para dar-lhe significado) me fazia perceber, adiante, que estava parcialmente envolvido em não-sonhos-a-dois.

Aos poucos explicações racionalizadas sobre o surto psicótico apareceram. Teria sido uma fase de “altíssima espiritualidade, em que se conectou diretamente com Deus”, fase da qual sente muita saudade. Mas, ao mesmo tempo vivia aterrorizada. Lembra que em certa ocasião, ao entrar de noite em sua casa, sentiu-se em pânico e saiu correndo pelas ruas. Rapidamente passou a acreditar que tudo tinha origem em drogas que suas colegas de Faculdade teriam colocado em sua bebida. E teriam feito isso porque a invejavam e queriam roubar-lhe o namorado.

Com o tempo pude suspeitar que, na ocasião do surto, predominavam relações idealizadas simbióticas com colegas, namorados e pais, alternando ou confundindo-se com relações sadomasoquistas em que ocorria violência, chantagens, submissões e seduções. A sexualidade também se revelava confusa

. Os relatos eram efetuados em forma monótona, controlada, embotados afetivamente. Sentia Katia e o processo analítico aprisionados no passado. Katia desconsiderava qualquer colocação relacionada ao que estava ocorrendo no presente, mais ainda se ocorresse dentro do campo analítico.

Katia me passava uma imagem de seus pais, herdeiros de uma linhagem familiar como uma Família Real. Chamava a atenção a suposta cegueira dos pais que acreditavam que Katia estava apenas “estressada”. A teoria do envenenamento por drogas era sustentada convenientemente por todos.

Em certo momento Katia conta que na ocasião do “estress” iniciara terapia cognitiva na cidade S. Semanas após sua mãe iniciou terapia com a mesma pessoa, em outro horário. Certo dia a terapeuta disse, durante a sessão da mãe, que Katia estava muito doente, psicótica. Essa informação abalou o orgulho familiar e Katia foi retirada da terapia. Curiosamente, a família fingia ignorar que ela tomava medicação anti-psicótica prescrita por um psiquiatra.

Lembro que, momentaneamente, fiquei horrorizado com as condutas da terapeuta e seu leva e traz. A expressividade de Katia, ao contar-me a “calúnia anti-ética” da profissional (dessa vez sem qualquer embotamento) embotara minha capacidade analítica. Somente ao escrever a sessão percebi o óbvio: que Katia me alertava para que eu fosse cuidadoso ao defrontá-la com a loucura. Em caso contrário a Família Real simbiotizada resgataria a Princesinha ameaçada. Poderia repetir-se o que havia ocorrido também com a suposta analista anterior¹⁰.

Aos poucos descobri que, antes de mudar-se para S, Katia era uma menina perfeita, “boazinha e obediente”. A hipótese de que Katia tentava dessimbiotizar-se dos pais, mudando-se para S, tornou-se evidente. O contato brusco com a realidade triangular manifestou-se como surto psicótico, revelando o terror de aniquilamento consequente ao desprendimento vivenciado como traumático. Para

¹⁰ Tomo a valorização da realidade externa (à qual o analista não tem acesso) como indício de deterioração da capacidade analítica (Xxxxx,2008d). No episódio descrito me tornara embotado para minhas próprias ideias....

evitar reviver o trauma no campo analítico a menina “boazinha”, talvez pseudomadura (Meltzer, 1966), e a família perfeita me recrutavam a participar da simbiose familiar. Entre suas poderosas armas se encontrava a identificação projetiva massiva que, ao tornar-me estúpido, poderia bloquear minha percepção do fato.

Passados algum tempo, a partir de um lapso revelador descobro que Katia havia trancado matrícula na Faculdade fazia dois meses. (Em consequência da perturbação emocional Katia havia retornado e cursava uma Faculdade local). Indagada sobre o motivo responde secamente que “não se sentia bem com as colegas e professores”. Como Katia nada me contara sobre esse fato me senti desconsiderado.

Nesse momento, consciente que tentava controlar meu ódio, adverti Katia que sua omissão de informações tornaria a análise impossível. Enquanto falava senti-me assustado, certo que havia perdido o vértice analítico. Comportava-me como superego moralmente condenatório e a ideia de que estaria tentando proteger a relação era distante. Como Katia permaneceu indiferente, minha confusão aumentou e passei a ter certeza de minha estupidez.

Esperava que Katia ficasse ressentida com minhas observações. No entanto, após esse episódio a análise adquiriu características surpreendentes. Katia não mais faltava às sessões. Seus relatos eram mais simbólicos. Nesse momento ficou-me ainda mais claro que, na fase anterior da análise, grande parte do material que ela trazia (e escondia) era constituído por elementos sem significado ou por símbolos deteriorados (Xxxxx, 2009) que haviam perdido sua função expressiva (Barros,2011). Confirmava que eram não-sonhos.

Nesta nova fase Katia me mostrava como tentava retomar a relação dual com seu antigo namorado, buscando controlá-lo. Foram se tornando claros, tanto para mim como para ela, as vicissitudes da oscilação entre a relação dual e as terríveis consequências advindas da percepção que o namorado era outra pessoa. No entanto, no campo analítico, Katia se comportava como uma paciente colaboradora e “boazinha”. Sua tentativa de imobilizar-me através dessa “bondade” me era clara.

Katia reagia às fantasias ou ameaças de ruptura da relação narcísica com o namorado através de violência, chantagens e vitimização. Tinha certeza que era vítima da rivalidade de outra moça. Descubro, logo, que Katia havia “roubado” o namorado de sua rival. Em momentos em que sentia o terror de Katia deixar de existir imaginava que ela poderia tentar matar-se. Minha intuição se revelou correta quando sofreu um grave acidente dirigindo embriagada, após uma discussão com o namorado. A Katia “boazinha” revelava sua destrutividade. Também desconfiava do aparente aproveitamento que Katia fazia da análise. Imaginava algo sedutor.

Após esse período, que durou poucas semanas, Katia volta a faltar, agora sem avisar. Após três faltas consecutivas telefone para sua residência. Quem atende é a governanta que me diz que Katia estava dormindo. Peço que me ligue assim que acordar. Nada acontece. Outro telefonema, dias depois, faz a governanta desculpar-se. Não fora avisada sobre esta sessão e não acordara Katia. Nesse telefonema ela me conta espontaneamente que Katia está estranha, se tranca no quarto e fala pouco. Mostra-se condoída comigo por Katia faltar à análise e imagina que eu devo estar preocupado. Observo a governanta-mãe

fazendo parte da Família Real simbiótica. Essa percepção me faz indagar sobre os pais de Katia. A governanta me informa que estão viajando “agora que a Senhora está melhor”. Termino por saber que a Senhora sofre de uma doença grave. Sinto-me irritado com Katia por ela não ter me contado. Percebo-me reformulando, em minha mente, todo o processo analítico anterior. Peço que me telefonem assim que retornem, mesmo consciente que Katia não queria que eu falasse com seus pais.

Katia continuou ignorando minhas mensagens. Imaginei que ela poderia estar em surto e correndo risco suicida. Angustiava-me não ter qualquer hipótese sobre o que estava ocorrendo.

Nessa ocasião ocorreu um Encontro Científico em outro Estado e senti-me inconveniente por discutir a situação com uma gentil colega que acabara de conhecer. Buscava sonhadores auxiliares para meus não-sonhos.

Retornando da viagem a mãe me liga. Não sabia que Katia estava faltando. Marco entrevista com os pais. Mas, antes Katia retorna, em seu horário habitual. Conta que está bem. Faltou porque estava muito ocupada. Sabe que quero falar com seus pais e quer saber os motivos. Digo-lhe que há coisas que não estão claras e que seus pais poderiam esclarecer-me. Deixo claro que não abriria mão de vê-los. Afirmando, também, que percebo sua dificuldade em vir para as sessões. Enquanto tergiversa digo-lhe que sua desculpa, de estar muito ocupada, não me faz sentido.

Nesse momento Katia conta, brava, que viera a uma sessão mas o consultório estava fechado. Imaginei que isso poderia ter ocorrido num dia em que Katia seria a primeira paciente porque o paciente anterior não viria. Lembrei-me

que eu havia chegado 5 minutos antes de seu horário e ficara aliviado ao perceber que eu chegara antes dela. Katia havia chegado pouco antes de mim mas, vendo a porta fechada, fora embora. Pergunto-lhe porque não me esperou. Diz que, ao ver a porta fechada, concluiu que eu não queria mais atendê-la.

Foi possível aproveitar esse episódio para mostrar a Katia seu ódio por ter se sentido rejeitada. Por isso me abandonara. O ressentimento odioso impedira que ela respondesse minhas mensagens. Katia projetara em mim o terror de aniquilamento vivenciado frente à percepção de que eu era outra pessoa, com vida própria. Durante a conversa arrisco um modelo, mesmo sentindo-o agressivo. Eu, como se fosse um laiaio, deveria estar sempre de prontidão para adivinhar as necessidades e desejos da princesa. Como eu não me comportara direito a princesa me mandou embora. Ignorando minha existência ela fazia com que eu sentisse o terror de não existência que ela vivencia constantemente, mas não tem clareza sobre o fato. (Ao não saber simbolizá-lo e sonhá-lo esse não existir aniquilante era vivenciado terrorificamente como coisa-em-si). Ao mesmo tempo Katia esperava que eu, desesperado pela vivência de não existência, a procurasse e me desculpasse. Seu ressentimento, no entanto, a impedia de ceder.

Durante essas interpretações Katia associa com a relação que tem com o namorado. Percebe que projeta nele seu próprio desamparo e necessidade vital de ser vista e considerada. Katia associa espontaneamente a compulsão repetitiva com o que está ocorrendo no campo analítico. Agora a dupla analítica pode sonhar-a-dois. Em determinado momento, quando lhe digo que parecia que eu estava mais interessado em sua análise que ela mesma Katia solta uma risada

franca. Algo que eu nunca havia ouvido. Acho graça em seu riso e me vejo rindo com ela.

Minha função analítica fora retomada. A presença do terceiro (o laçao que, não sendo laçao, não estava à espera da princesa) e a possibilidade de discutir esse assunto, sonhando-o a dois, mostrava como a relação dual estava sendo desfeita¹¹.

A sessão seguinte validou o trabalho anterior, quando Katia me traz um sonho noturno, fato nunca antes ocorrido. Sonha com um bando de mulheres que a atacam. Sente que será fuzilada. Os fuzis são batons e as balas bastões candy. Conseguia desviar-se das balas. Era aterrorizante, mas o melhor ocorreu quando acordou e percebeu que se tratava apenas de um sonho. Conta que foi uma das melhores sensações que teve em sua vida. Mostro-lhe que, agora, pode sonhar à noite os terrores que a atacavam 24 horas por dias. Diz que tem certeza que está melhorando. O sonho de Katia indica presença de barreira de contato (Bion, 1962) que se forma ao mesmo tempo que se elabora a situação edípica e surge a capacidade de simbolizar. Katia, no sonho, tenta dar significado a áreas de sexualidade perversa polimorfa.

Em seguida introduzo a informação sobre a doença da mãe. Nesse momento Katia me mostra como tentava inutilmente negar esse fato. Essa negação tentava protegê-la do contato com terrores mortíferos e com a culpa por tê-la abandonado, mudando-se para S. A doença surgira poucos meses antes.

¹¹ Este episódio, assim como o anterior em que chamo a atenção de Katia para a omissão de informações, simula estupidez do analista. Na realidade se desfazem relações duais e o trabalho de sonho se torna possível. Em outros trabalhos demonstro que, durante os conluios duais, em áreas paralelas o analista utiliza implicitamente sua função alfa, costurando buracos traumáticos. Quando há costura suficiente o trauma é revivido, em forma atenuada e pode-se viver na realidade triangular (Xxxxx,2008a,2009).

Abrem-se possibilidades para, no futuro, trabalharmos revivescências de ataques, culpas e retaliações edípicas.

Após vários cancelamentos os pais conseguem vir. Katia não quis participar das entrevistas. Não foi difícil perceber a simbiose familiar. Os pais eram primos em segundo grau e as famílias haviam vivido juntas fazia gerações. As informações trazidas me fazem suspeitar fortemente de transmissão transgeracional de defesas simbióticas. Foi possível perceber, também, que o momento para entrevistar esses pais tinha sido adequado. Deixei de condenar-me por uma suposta estupidez. A aparente ausência da família encobria, na verdade, mecanismos de controle do analista e, portanto, de manutenção da simbiose. Penso que, ao tentarem evitar os problemas ocorridos nos outros tratamentos, as “fofocas” com os terapeutas, os pais oscilaram para o extremo oposto.

Durante a conversa os pais terminam por admitir que a filha havia tido um surto psicótico e imaginavam que ele poderia retornar a qualquer momento. Confessam seu medo já que havia esquizofrênicos na família, um segredo familiar. Têm, também, consciência que a doença da mãe havia abalado a integração (na verdade simbiose) familiar. O prognóstico da doença era, agora, melhor. Estão iniciando terapia familiar, todos juntos... Cuidadosamente sugiro que também se tratem individualmente.... com analistas diferentes....

Estupidez, arrogância e curiosidade

Em “O ódio na contratransferência” Winnicott (1947) coloca que, se o analista não demonstrar, de alguma forma, o ódio que o paciente lhe despertou, o paciente tampouco acreditará que pode despertar amor. Este trabalho já

caminhava na direção da vertente intersubjetiva da psicanálise contemporânea, onde se enfatiza o fato de que nada ocorre com um dos membros da dupla analítica que não seja influenciada ou influencie o outro membro (Baranger & Baranger, 1961-62; Brown, 2011) . Neste texto mostrei que, quando cabe, a manifestação do ódio na contratransferência pode desfazer conluios duais. Ainda que o analista pareça estúpido.

Bion (1958) demonstrou que a presença, no campo analítico, da tríade *estupidez, arrogância e curiosidade*, mesmo que em forma esparsa, encobre e ao mesmo tempo revela catástrofe psicológica destrutiva. No texto bioniano estupidez tem a acepção de obtusidade, burrice. A estupidez, considerada neste texto, é acompanhada pelos outros dois elementos da tríade durante os conluios duais estudados e também quando eles se rompem.

O paciente manifesta *curiosidade* ao desejar continuar sua análise. Esse desejo o faz correr um risco considerável: de não conseguir manter a fusão fantasiada com o analista. O risco de re-traumatização, de destruição da relação dual, é similar á de Adão e Eva quando são seduzidos pela serpente. E de Édipo quando consulta tanto o oráculo como Tirésias. E de Narciso frente a Eco¹².

A fusão necessária é acompanhada de *curiosidade* em relação ao analista. O analista é conhecido a partir de sua reação às identificações projetivas que o paciente coloca dentro dele. O analista frustra o paciente se não se deixa recrutar

¹² A serpente, o oráculo e Tirésias podem ser tomados como equivalentes à concepção edípica (Bion, 1962). A tomada de consciência traumática da realidade triangular, incluindo a consciência da morte resulta de curiosidade desobediente (Xxxxx, 2010a).

e mantém mente própria. O paciente será expulso do “paraíso” dual tendo que enfrentar a realidade traumática¹³.

A *arrogância* se vincula à onisciência e à avaliação moralística que substitui a percepção da realidade por julgamento condenatório. Dessa forma, indiscriminado do objeto, o paciente condena ditatorialmente tudo aquilo que ameaça a relação dual. Qualquer fato que indique a existência do outro, da realidade triangular, será considerado, oniscientemente, como mau e errado. O que é arrogância para o observador é o uso legítimo de seus direitos para o paciente¹⁴.

A *estupidez* se vincula às deficiências na capacidade de simbolizar, sonhar e pensar. Pode manifestar-se como onisciência, em conluios duais, e/ou por descargas na ameaça de contato com a triangularidade. A indiscriminação e deformação da realidade e a visão condenatória daquilo que frustra vincula a estupidez com a arrogância.

Como vimos, o analista corre o risco de ser recrutado *tornando-se* um aspecto da parte psicótica do paciente. Impedido de sonhar o analista não se dá conta do que ocorre. Torna-se estúpido e arrogante, como o paciente. É curioso pelo simples fato de ser analista. Com adolescentes, esse recrutamento é potencializado pelas identificações projetivas cruzadas que envolvem outras

¹³ O paciente é expulso do Paraíso e jogado no Inferno. Se esse Inferno puder ser sonhado se transformará em Terra, a realidade. Mas os demônios infernais e os deuses idealizados continuarão sempre assombrando (Xxxxx, 2010a).

¹⁴ Bion nos mostra que quando a intolerância à frustração não é muito grande a personalidade desenvolve onipotência para substituir a realização da preconcepção ou a concepção com a realização negativa. A onisciência passa a substituir o aprender com a experiência. Ao mesmo tempo um super-ego moralístico passa a avaliar a realidade como certa ou errada, substituindo a ideia de falso ou verdadeiro (Bion, 1962).

peças do entorno do jovem. O analista se identifica com a arrogância e estupidez que faz parte da simbiose familiar. Pode, também, tornar-se depositário de culpas persecutórias e depressivas quando se imagina traumatizando o paciente e a família ao mostrar-lhe a realidade triangular¹⁵.

Em “Experiências com Grupos” (1961) Bion pioneiramente descreve situações desse tipo. Ele nos diz que o analista não percebe que sua mente está torporosa e que toma como realidade o que é, na verdade, produto de identificações projetivas massivas. O analista imagina que os intensos sentimentos que vivencia estão inteiramente justificados pela situação objetiva. Posteriormente Bion atribuirá esse torpor à ação da tela beta que provoca no analista aquilo que o paciente deseja.

Joseph (1989), por sua vez, nos mostra elegantemente como o analista é recrutado a representar aspectos do paciente para manter o status-quo. Outros autores pioneiros no estudo das identificações projetivas massivas incluem, além de Bion e Joseph, Grinberg, Rosenfeld, Sandler, Grotstein e Ogden. Todos mostram como o analista é induzido e recrutado a tornar-se um aspecto do paciente, tema que Ferenczi já sugerira, muito antes¹⁶.

A literatura psicanalítica recente tem chamado *enactments crônicos* aos recrutamentos mútuos que mantêm a relação dual. Quando a capacidade de sonhar está sendo retomada a relação dual é desfeita bruscamente emergindo no campo analítico como trauma atenuado. Essa situação é chamada *enactment*

¹⁵ No episódio em que Katia me abandona sinto alívio por ter chegado antes dela. O alívio resulta de culpas tanto pela possibilidade de estar retaliando como por colocá-la frente à realidade triangular em forma abrupta, sem saber se Katia poderia suportá-la.

¹⁶ Uma revisão das idéias desses autores pode ser encontrada em Xxxxx (1997a, 2008c) e Brown (2011). E a evolução do conceito Identificação Projetiva em Spillius e O'Shaughnessy (2011)

agudo e envolve um mix que inclui descargas, não-sonhos sendo sonhados ao vivo e sonhos sendo re-sonhados (Brown, 2011, Xxxxx, 2012a,2012b). O termo enactment funde dois significados: o termo jurídico “promulgação”, isto é, algo que obrigatoriamente tem que ser obedecido e o termo teatral “encenação” como “colocar em cena”.

No material clínico ilustrativo há dois enactments agudos. O primeiro envolve o seguinte conjunto: a omissão de Katia sobre ter trancado matrícula, seu lapso revelador, o ódio do analista e sua fala agressiva. O segundo, quando Katia encontra a porta do consultório fechado, inclui a chegada afobada do analista cinco minutos antes da sessão, seu alívio ao perceber que Katia não chegara e o ir embora intempestivo de Katia.

Teorias e conjecturas: Édipo e Katia

As vicissitudes da adolescência foram descritas neste trabalho enfatizando a oscilação, em graus variados, entre relações duais e triangulares tendo como cenário a revivescência das situações edípicas. Em seguida abordaremos, sumariamente, a complexidade dessas situações em Édipo e Katia.

Como todos os adolescentes ambos se sentem invadidos por pulsões que reativam fantasias inconscientes e ansiedades primitivas. Como vimos, ameaças de desestruturação se mesclam a tentativas de re-estruturação do self. Mecanismos psicóticos, confusionais, persecutórios, depressivos e mais primitivos se mesclam a neuróticos e tanto podem constituir-se como base para patologias como propiciar elementos para re-elaborações. A turbulência intra-psíquica se manifesta na dinamização dos movimentos EP<--> D (dual <-> triangular) , com as

consequentes mudanças catastróficas, mas em forma dinâmica, com desestruturações que confundem o observador não atento, que toma por patologia um movimento intenso, porém normal, antecedendo re-estruturações. Quando não ocorre oscilação adequada ficamos alertas. Mas, somente após cessar a turbulência adolescente poderemos verificar se a rigidez se perpetuou.

Ao mesmo tempo os processos de externalização e internalização se acentuam, ocorrendo uma turbulência identificatória, ficando-se mais vulnerável à introjeção de objetos que reforcem ou alterem as identificações mais arcaicas.

Podemos dizer, portanto, que Édipo e Katia estão ávidos de objetos, com os quais precisam identificar-se, para que sua identidade adulta se torne mais coesa. São, também, mais vulneráveis a sua influência. A capacidade de frustração determinará a conduta frente ao objeto. Se sentido como traumatizante as defesas narcísicas são retomadas. Dessa forma, o jogo projetivo-introjetivo é efetuado de forma intensa e considera-se que o trabalho principal da adolescência é justamente a aquisição de uma identidade adulta, através desse interjogo de identificações.

Katia e Édipo vivem a ruptura da rigidez da latência, seguida de uma confusão de identidade ligada à re-emergência da severa cisão interna do self, próprias dos períodos pré-edípico e pré-genitais. Isso leva a ondas de desejo genital em todas as suas formas infantis polimorfos e perversas (Meltzer, 1979)

A retomada de aspectos dos estados perverso-polimorfos, levando a excitações descoordenadas e desejo de gratificação imediata, provoca também identificações projetivas violentas. Ocorre uma potencialização dos aspectos

sádicos de todas as zonas, ao funcionarem simultaneamente, junto com uma confusão provenientes da concomitância de fantasias diversas (Grinberg, 1976).

O resultado dessas configurações resulta em tentativas de desprendimento, de dessimbiotização do núcleo familiar (Bleger, 1977, Mahler, 1982, Blos, 1985, Paz, 1980). Mas, frente à realidade triangular as defesas narcísicas podem entrar em jogo, constituindo-se simbioses normais (Xxxxx, 1991a,b) até que o embate pulsional e a atração pelo objeto as superem. Isso faz parte da elaboração do desprendimento. Édipo e Katia estarão, ao mesmo, tempo elaborando lutos. Pela infância, pelos pais, pelo corpo infantil, pela bissexualidade (Aberastury, 1980) e defesas persecutórias, depressivas, melancólicas, maníacas, muitas vezes manifestando-se confusamente, podem ser consideradas sob este vértice¹⁷.

A digressão teórica efetuada deve ser vista como pano de fundo para as resumidas conjecturas imaginativas com as quais concluo este trabalho. São sonhos da vigília em que imagino vicissitudes dos adolescentes Édipo e Katia.

Édipo ouve boatos (fora e dentro de sua mente) que é filho ilegítimo. Traumatizado deixa Corinto em busca de si mesmo. Não tem consciência do que está fazendo mas busca discriminar-se de seus pais adotivos, que impediam que entrasse em contato com a realidade. Enganado por eles sequer fora informado que era adotado e estava sendo preparado, como príncipe, para manter a simbiose da Família Real. Sua primeira parada é o oráculo de Delfos onde deverá passar a noite sonhando. O sacerdote vaticinará a partir da escuta de seus

¹⁷ O estudo da adolescência tem sido aprofundado por vários autores latino-americanos cujas contribuições não foi possível revisar neste texto. Existe uma longa tradição de trabalho original em Buenos Aires e Montevideu. Mais recentemente autores de Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Bogotá, Santiago, Lima, México e outros centros têm se debruçado criativamente sobre o tema.

sonhos. Passa uma noite terrível, acossado por cenas terríficas repetidas compulsivamente. Não sabe se são pesadelos ou realidade. Desesperado tenta colocá-las em palavras para o sacerdote: terra tremendo, montanhas desabando, uma mulher sedutora chorando ? Mas, como príncipe que era, enquanto conta tenta manter uma indiferença arrogante. Após ouvi-lo o sacerdote, violentamente, o acusa de ser um futuro criminoso, que matará o pai e se casará com a mãe. O sacerdote chama os guardas e Édipo é expulso do templo. Ouve a multidão enfurecida clamando sua morte. Dentro ou fora de sua mente ? Édipo foge desesperado, á beira do aniquilamento e corre sem rumo, como um louco.

Katia adolescente sai de sua cidade e vai para S. Não sabe mas está tentando escapar da simbiose familiar, arriscando-se na busca de si mesma. Foge, também, de perceber a ameaça de morte da rival edípica. Na Faculdade, sua primeira parada, sofre um trauma terrível. Estava sendo drogada (pelas colegas rivais ou a droga já estava dentro dela ?). Sentia-se tomada em forma confusa por desejos incontrolláveis, competitivos, assassinos, invejosos, sexuais (frutos da droga interna...). Na verdade ela nem saberia dar-lhe esses nomes. Uma multidão de colegas e professores (seriam pais e irmãos ?) ora queriam seduzi-la, ora queriam matá-la. Ou era ela quem queria ? Estava confusa se eram fatos reais, pesadelos ou alucinações. Talvez tudo, ao mesmo tempo. Em outros momentos sentia-se superior, conectada diretamente com Deus, todo-poderosa. Às vezes chorava tristemente, saudosa de ser a princesinha do Palácio Real, onde era cuidada pelos Reis seus pais e por um batalhão de lacaios que adivinhavam seus desejos antes mesmo deles se manifestarem. Quem sabe, se morresse, poderia voltar a viver nesse mundo no outro mundo ?(Xxxxx, 2000,2007).

Mas, o inferno compulsivamente retorna. E Katia foge, como louca, pelas ruas e pela estrada da vida.

Édipo e Katia revivem, como adolescentes, situações traumáticas primitivas. O primeiro, no mito, fora marcado por terrível ameaça de morte. Não desejado, ao nascer não encontrou quem contivesse seus terrores de aniquilamento. Pior, foi abandonado para morrer no monte Cíteron. Esses terrores são revividos quando é condenado e abandonado pelo sacerdote. Este se comportou como um analista estúpido recrutado por identificações projetivas massivas. Édipo não entende seu destino de ser parricida e incestuoso. Somente depois descobrirá que, quando bebê, os pais desejaram matá-lo pelo primeiro motivo. O parricídio estava dentro dele antes de nascer (e o desejo incestuoso também) e agora que tinha forças para matar (e corpo para copular) se sentia mais aterrorizado. Mas nada lhe era claro.

Sabemos menos sobre Katia, mas a forma como se manifestam seus terrores adolescentes sugere traumas similares. Tudo indica que em sua mente se inscreveram marcas traumáticas de morte das quais faziam parte fusões defensivas simbióticas transgeracionais. Katia fracassa em sua tentativa de desfazê-las e se simbiotiza desesperadamente com amigas e namorados. Quando estes não se grudam a ela, insistindo em ser não-self, Katia se sente aniquilada. Foge em pânico, não sabe para onde, até encontrar algo ou alguém com quem tenta se con-fundir. Quando Katia encontra o oráculo, sua terapeuta, esta estupidamente a chama de louca. Desesperada e aterrorizada Katia se torna mais louca.

Katia imagina que pode escapar da loucura confundindo-se com Deus, com o namorado, com a droga. Édipo imagina que escapará da loucura projetando-a em Corinto. Se fugir para longe não matará seu pai nem cometerá incesto. Mas, não consegue ir para longe de sua mente. Vejo Édipo desesperado, caminhando pela estrada, com ódio de si e do mundo. Pensa que seria melhor morrer. Na encruzilhada mais uma frustração: uma caravana, um homem armado arrogante. Se fosse morto tudo estaria resolvido (seria um homicídio precipitado pela vítima – Xxxxx,1997b,2000). O jovem e o homem disputam a passagem. O ódio de Édipo e seu desejo de vingança é maior que o desejo de morrer. Édipo mata o homem. Que era Laio, seu pai, mas ele não sabia. Agora Édipo se sente melhor. Mas, logo a culpa o toma. Desta vez a culpa melancólica é ainda maior, insuportável, e Édipo não sabe por que.

Katia, dentro de sua mente, mata a mãe rival mas tem que fugir da percepção. Mas a mãe e o casal parental mortos se tornam mortíferos e Katia é atacada por dentro. Culpada e destruída não tem para quem pedir ajuda. Volta para casa e se tranca no quarto imaginando que pode esconder-se de seus crimes. Como Narciso não quer atender qualquer demanda a não ser o espelho da internet. Dorme com narcóticos (derivados de narcisos), produz pesadelos não-sonhos, envolve-se em rede de calúnias no Facebook. Desespera-se. Busca um novo oráculo. Eu, seu analista. Traz-me enigmas e os esconde. Quer e não quer saber quem é, quem foi, quem será. Eu investigo, lhe proponho novos enigmas. Ela foge. Ela se gruda. Tudo ao mesmo tempo. Se conseguirmos decifrar, se Katia descobrir quem é, eu não serei mais necessário.

Édipo descobre que há uma espécie de oráculo, a Esfinge, que mata os jovens que não decifrarem seus enigmas. Seu desejo de morrer retornara mais forte. Sua curiosidade mórbida e sua estupidez arrogante fazem a Esfinge tornar-se atraente. Nada tem a perder – a morte será bem-vinda. Ou a morte será simbiotizar-se à mãe-Esfinge ? A Esfinge aterroriza porque está aterrorizada. Édipo, ao olhá-la, capta esse terror que é similar ao dele. Condoído, busca entendê-la como ele busca entender-se. Já caminhou muito por essa estrada e aprendeu alguma coisa. Sabe como é engatinhar, com quatro pés, no chão salpicado de pedras, sabe que experimentou andar com seus dois pés doloridos e teve que usar um cajado, seu terceiro pé que será substituído, na velhice, por sua filha Antígona. Precisa da ajuda para suportar sua mente traumatizada. Édipo sonha essas experiências emocionais provocado e auxiliado pela Esfinge. Decifra o enigma. Agora vive na realidade triangular e pode sonhar e pensar. Não precisando mais da prótese mãe-Esfinge, esta como uma boa analista, se mata simbolicamente.

Édipo se casa com Jocasta, tem filhos e seu reino é feliz. Até que surge a peste. A peste interna reflete a revivescência dos impulsos homicidas que ocorre quando Édipo completa a mesma idade que Laio tinha quando foi morto. E seu filho mais velho a mesma idade que Édipo tinha quando matou Laio. As configurações identificatórias são acionadas como Reações de Aniversário (Xxxxx,1986b,1991c,2008b), gatilhos que disparam lutos patológicos encobertos. Como adolescente pseudomaduro Édipo desenvolve um surto na maturidade (Ungar, 2004).

O oráculo vaticina que a peste (loucura) cessará quando se descobrir o assassino de Laio. Aqui Sófocles inicia “Édipo-Rei” e a tragédia de todos nós, que na verdade não tem início. É um eterno retorno. .

Resumo

O analista, seu paciente adolescente e a estupidez no campo analítico

Estudam-se situações em que, no trabalho com adolescentes, a função analítica se torna embotada. O analista é recrutado a participar de relações duais que se manifestam como conluios de idealização mútua e/ou sadomasoquistas. Esses conluios protegem a dupla da percepção das relações triangulares porque elas são vivenciadas como traumáticas.

As configurações descritas e relacionam às vicissitudes do processo de dessimbiotização do adolescente e os perigos desse desprendimento que são revividos no campo analítico juntamente com as situações edípicas primitivas. .

A partir de material clínico discutem-se situações em que o campo analítico, aparentemente paralisado, é ameaçado de destruição por catástrofes que parecem vinculadas a estupidez. Posteriormente se verifica que essas catástrofes manifestavam contato traumático atenuado com a triangularidade. Esse contato se

tornara possível graças á possibilidade de sonhar os traumas, processo adquirido graças ao trabalho analítico realizado em áreas paralelas aos conluios duais.

Os fatos estudados são ilustrados com aspectos dos mitos de Narciso e de Édipo. Conjecturas sobre a oscilação entre relações duais e triangulares, em Édipo e no material clínico completam a discussão.

Descritores: Adolescência, Estupidez, Simbiose, Simbolização, Técnica Psicanalítica.

Resumen

El analista, su paciente adolescente y la estupidez en el campo analítico

Se estudian situaciones en las que, al trabajar con adolescentes, la función analítica se vuelve embotada. El analista es reclutado para participar en relaciones duales que se manifiestan como colusiones de idealización mutua y/o sadomasoquistas. Estas colusiones protegen a la díada de la percepción de las relaciones triangulares, ya que son vivenciadas como traumáticas.

Las configuraciones descritas pueden ser comprendidas tomando como modelo las vicisitudes del proceso de desimbiotización de la adolescencia y los peligros de este desprendimiento, que son reactivados en el campo analítico junto con las situaciones edípicas primitivas.

A partir del material clínico se discuten situaciones en que el campo analítico, aparentemente paralizado, es amenazado de destrucción por catástrofes que

parecen vinculadas a la estupidez. Posteriormente se verifica que esas catástrofes manifestaban el contacto traumático atenuado con la triangularidad. Ese contacto se había hecho posible gracias a la factibilidad de soñar con esas situaciones, proceso adquirido gracias al trabajo analítico realizado en áreas paralelas a las colusiones duales.

Los hechos estudiados se ilustran con aspectos de los mitos de Narciso y de Edipo. Las conjeturas sobre la oscilación entre relaciones duales y triangulares en Edipo y en el material clínico completan la discusión.

Palabras clave: Adolescencia, Estupidez, Simbiosis, Simbolización, Técnica Psicoanalítica.

Abstract

The analyst, his/her adolescent patient and stupidity in the analytical field.

This study investigates situations, in the work with adolescents, in which the analytical function becomes numbed.. The analyst is recruited to participate in dual relationships that are manifested as mutually idealized and/or sadomasochistic collusions. These collusions protect the dyad from the perception of triangular relationships because they are experienced as traumatic.

The configurations described can be understood by taking the vicissitudes of the desymbiotization process in adolescence as a model, as well as the dangers of this detachment, which are reactivated in the analytical field, jointly with primitive Oedipal situations.

Based on some clinical material, we discuss situations in which the analytical field, apparently paralyzed, is threatened with destruction by catastrophes that seem linked to stupidity. Later, it is possible to observe that these catastrophes expressed an attenuated traumatic contact with triangularity. This contact was possible thanks to the possibility of dreaming these situations, a process acquired through the analytical work being done in other areas at the same time as the dual collusions.

The facts studied are illustrated with aspects of Narcissus and Oedipus myths. Conjectures on the oscillation between dual and triangular relationships in Oedipus and in the clinical material complete the discussion.

Key Words: Adolescence, Stupidity, Symbiosis, Symbolization, Psychoanalytical Technique.

Referências

Aberastury (1980). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

Baranger, M. & Baranger, W. (1961-62). La situación analítica como campo dinámico. In Baranger W. & Baranger, M. *Problemas del Campo Psicoanalítico.*, Buenos Aires: Kargieman, 1969

Baranger M, Baranger, W, Mom, J (1982). Processo e não processo no trabalho analítico *Revista FEPAL*, s/n., setembro 2002, pp. 114-131. (*Revista de Psicoanálisis* 39(4):527-49; *International Journal of Psychoanalysis* 64:1-15, 1983).

:

Barros, EMR (2011). Reflections on the clinical implication of symbolism.

International Journal of Psychoanalysis 92:879-901

Bion, WR (1958). Sobre arrogância. In *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio: Imago, 1967, pp. 81-86.

Bion, WR (1962). O aprender com a experiência. In *Os elementos da psicanálise e O aprender com a experiência*. Rio: Zahar, 1966.

Bion, WR (1961). *Experiences in Groups*. London:Routledge, 2001.

Bion WR (1977). Turbulência emocional. *Revista Brasileira de Psicanálise* 21(1):121-33, 1987.

Bleger, J. (1977). *Simbiose e ambigüidade*. Rio: Francisco Alves.

Blos, P. (1985). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. S. Paulo: Martins Fontes.

Brown LJ (2011). *Intersubjective Processes and the Unconscious: An Integration of Freudian, Kleinian and Bionian Perspectives*. New York: Routledge

Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *Edição Standard Brasileira* 12, p. 273.

Gammelgaard, J (2010). *Betweenity: A Discussion of the Concept of Borderline*. London: Routledge

Grinberg, L (1976). *Teoria de la identificación*. Buenos Aires: Paidós.

Joseph, B. (1989). *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica. Artigos Seleccionados de Betty Joseph*. Feldman M, Spillius EB, ed. Rio: Imago, 1992..

Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Meltzer, D (1966). The relation of anal masturbation to projective identification. *International Journal of Psychoanalysis* 47:335-343.

Meltzer, D (1979). *Estados sexuais da mente*. Rio: Imago.

Outeiral, JO. (Org). (1993.) *O adolescente borderline*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Paz, L.R. (1980) Adolescência-crise de dessimbiotização. In Aberastury, A. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 165-184.

Rosenfeld, H.(1987). *Impasse e interpretação*. Rio:Imago, 1988.

Segal, H (1957). Notas a respeito da formação de símbolos. In Segal, H (1983). *A obra de Hanna Segal: uma abordagem kleiniana á prática clínica*. Rio: Imago.

Steiner, J. (1985). Turning a blind-eye: the cover up for Oedipus. *International Review of Psycho-Analysis*. 12: 161-172.

Steiner, J (1993). *Refúgios psíquicos: organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e borderline*. Rio: Imago, 1997.

Spillius, W &O' Shaughnessy E (Ed) (2012). *Projective Identification: The Fate of a Concept*. New York: Routledge

Ungar, V (2004). O trabalho com psicanalítico com adolescente, hoje. *Revista Brasileira de Psicanálise* 38 (3):735-749.

Winnicott, D (1947). O ódio na contratransferência. In *Textos Seleccionados: da Pediatria à Psicanálise*. Rio: Francisco Alves, 1978, pp.341-353

Xxxxx (1981).

Xxxxx(1985).

Xxxxx(1986a).

Xxxxx(1986b).

Xxxxx (1991a).

Xxxxx(1991b)..

Xxxxx(1991c).

Xxxxx(1993).

Xxxxx (1997a).

Xxxxx(1997b)..

Xxxxx(2000).

Xxxxx(2003).

Xxxxx(2005a).

Xxxxx(2005b).

Xxxxx(2007).

Xxxxx(2008a).

Xxxxx(2008b).

Xxxxx(2008c).

Xxxxx(2008d).

Xxxxx(2009).

Xxxxx(2010a).

Xxxxx(2010b).

Xxxxx(2012a).

Xxxxx (2012b).